

Ainda é permitido voar

Gilda Torrão e Helena Oliveira



Para quem acredita que os sonhos não existem, a ASAS tem vindo a comprovar o contrário. Nesta associação, a realidade pode ser dura e toda a equipa tem os pés bem assentes no chão, mas quando se trata de cuidar de crianças desprotegidas, o lema é só um: “Dar Asas à Vida”.

Foi há dezoito anos que o sonho começou. A Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso, fazendo uma homenagem ao seu nome, começou a “dar asas” a todos aqueles que as vão perdendo, com especial enfoque no trabalho muito próximo que desenvolvem com crianças e jovens em risco, com uma área de abrangência que cobre, essencialmente, os concelhos de Santo Tirso e Trofa. A Revista Pontos de Vista conversou com duas das caras desta instituição, Helena Oliveira, Presidente da Direção, e Gilda Torrão, Diretora Geral.

Todos os dias, a missão é estimular a capacidade de voar de quem chega à instituição. Mas, num momento em que as dificuldades económicas enchem folhas de jornais, o que é que corta as asas da ASAS? “Todos os tempos difíceis que estamos a viver vão cortando as asas e vamos tentando, nesta associação, que as asinhas não sintam os cortes. É preciso criatividade, empenho, força, garra e um corpo técnico que veste a camisola para que estes passarinhos que cá temos não sintam nas asas deles essas dificuldades que, infelizmente, vamos sentindo no nosso dia a dia”, partilhou Helena Oliveira.

Mas, se os obstáculos em termos financeiros vão surgindo no quotidiano desta associação sem fins lucrativos, a verdade é que a crise não prejudicou o espírito solidário da comunidade civil. O trabalho só tem sido possível muito graças ao apoio incondicional da Segurança Social, do grupo de sócios, parceiros e mecenas que sempre caminharam ao lado da

ASAS. Desde a cabeleireira que cuida dos cabelos e de toda a componente estética das crianças, ao sapateiro que arranja os sapatos e ao padeiro que, desde o início, fornece o pão, são muitos os amigos que amenizam a dura realidade de muitas destas crianças. “Hoje até se nota uma necessidade maior das pessoas se envolverem mais. Temos um grupo muito ativo que acredita muito na instituição e as crianças são tudo para eles”, afirmou Helena Oliveira. Daí que seja cada vez mais importante reforçar a ponte entre a ASAS e o mundo empresarial, cujas portas têm estado abertas. “O mundo empresarial tem a consciência de que as instituições precisam do apoio e sozinhas não conseguem. Há a necessidade de alargar a rede a outras empresas. A ASAS percebeu muito cedo que tinha de abrir as portas à sociedade, que tinha de se mostrar e isso, ela faz muito bem. A sociedade civil não tem como ajudar se não conhecer o trabalho de uma associação”, disse uma porta-voz do grupo de empresários que muito colorido tem dado à ASAS, ajudando a associação a penetrar no interior de uma empresa. “O olhar externo que nos trouxe, mostrou-nos as nossas lacunas e os aspetos em que poderíamos melhorar. Ensinou-nos a comunicar com este mundo”, reforçou Gilda Torrão.

INOVAÇÃO NO TERCEIRO SETOR

Hoje em dia, têm sido levantadas ideias acerca do poder da inovação para o terceiro setor, que envolve uma profunda mudança nas formas de pensar e de agir, questionando-se a sustentabilidade e o impacto

social associadas a este novo paradigma. Para Helena Oliveira, a inovação está nos serviços e na forma como são prestados. A ASAS caminha no sentido correto. Segundo a lei, um jovem tem de abandonar a instituição aos 18 anos de idade. Mas, apesar da maioridade, a maturidade ainda não está fortalecida e, associações como a ASAS, procuram fazer mais. Daí que, depois de um contacto frutífero com a tutela, a instituição tenha tido uma garantia de que uma ideia sairá do papel: a criação de um apartamento autonomia para preparar o jovem para o contexto atual e dar mais consistência ao seu projeto de vida.

O caminho para a sustentabilidade financeira tem sido trilhado mas é impossível viver a 100% sem o apoio estatal. “Não temos dúvidas de que as instituições têm que inovar na sua captação de fundos. Nós inovamos quer na captação de apoios externos quer na criação de iniciativas”, explicou Gilda Torrão. A ASAS é tutelada pela Segurança Social em cerca de 75%. Os restantes 25% são fruto da imaginação e da criatividade de toda a equipa. “É-nos dada margem de manobra para irmos aumentando essa percentagem, mas nunca deixando de depender de financiamentos públicos até porque o modelo de financiamento das IPSS pressupõe o privado e o público”, disse Gilda Torrão.

“HÁ UM LUGAR ONDE TU PODES SONHAR...”

“...Onde os sonhos ganham asas para nos fazer voar”. A partir do momento em que uma criança entra num dos centros de acolhimento, são movidos mundos para

que ela se sinta como parte de uma família. A ASAS assume um compromisso com elas, desenvolvendo todo o trabalho que os orienta para o seu projeto de vida, aliado a uma componente técnica que traça o caminho que ela deverá seguir. Neste sentido, a ASAS, em cooperação com a tutela, os tribunais e Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, tem de ver se a família tem condições para reintegrar a criança no seu seio ou se será reencaminhada para adoção. “Desde o momento que entra, a ASAS tem de lhe dar proteção e segurança”, garantiu Gilda Torrão. Num universo em que as emoções e os sentimentos são colocados à prova, ambas as responsáveis reviam um aspeto que, nas suas perspetivas, altera o desenvolvimento emocional da criança. “Há necessidade de rever a medida de acompanhamento dos pais enquanto as crianças estão institucionalizadas. Temos casos de crianças que em 7 dias são visitadas 4 vezes pelos pais e ainda poderão passar o fim de semana. É um paradoxo a necessitar de reflexão pois os atos de socialização que adquirem cá, são perdidos em dois dias em casa”, defendeu Helena Oliveira. Para Gilda Torrão, as crianças ficam numa “situação de dualidade”. “As crianças institucionalizadas interiorizam sempre que a culpa é deles. Estão à procura do erro e querem melhorar para não falharem com outros pais. Assim, não conseguem ter serenidade de espírito nem para estudar nem para estar”, concluiu. É esse o papel da ASAS: dar-lhes o conforto e tranquilidade vitais para se tornarem seres humanos e nunca perderem a capacidade de voar. 🐦